

JUDITH MCNAUGHT

ALGO MARAVILHOSO

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA ÁLVARES

ASA

CAPÍTULO 1

A loira voluptuosa ergueu-se sobre um cotovelo e aproximou o lençol dos seios. Franzindo ligeiramente a testa, examinou com cuidado o jovem de dezoito anos, de perturbante beleza, que estava encostado à janela do quarto e observava os jardins da parte posterior da casa, onde decorria uma festa em honra do aniversário da sua mãe.

– O que vê lá fora que possa interessar-lhe mais do que eu? – perguntou Lady Catherine Harrington envolvendo-se no lençol e aproximando-se também da janela.

Jordan Addison Matthew Townsende, o futuro duque de Hawthorne, contemplando a sumptuosa propriedade que, com a morte do pai, passaria a pertencer-lhe, não pareceu ouvi-la. Olhando para o labirinto de buxo, ao fundo, viu a mãe a sair da vegetação, lançando ao seu redor um olhar furtivo, enquanto alisava o vestido e compunha o cabelo escuro e farto. Pouco depois surgiu Lord Harrington, atando o laço. O riso dos dois de braço dado fez-se ouvir pela janela aberta de Jordan.

Um cinismo temperado ensombrou a beleza juvenil dos seus traços atraentes quando viu a mãe e o seu mais novo amante atravessarem o grande relvado entrando descontraidamente no caramanchão.

Momentos depois, o pai surgiu do mesmo labirinto e, olhando à sua volta, ajudou Lady Milborne, a *sua* atual amante, a sair dos arbustos.

– Pelos vistos, a minha mãe tem um novo amante – observou Jordan, sarcástico.

– A sério? – perguntou Lady Harrington, espreitando pela janela. – Quem é?

– O seu marido.

Voltando-se completamente para ela, Jordan estudou-lhe o rosto encantador, procurando nele algum sinal de surpresa. Ao ver que não existia, foi a fisionomia dele que se endureceu numa máscara de ironia.

– Sabia que estavam os dois juntos no labirinto e foi isso que despertou o seu súbito e inédito interesse pela *minha* cama, não foi?

Ela anuiu, desconfortável perante o brilho implacavelmente sereno daqueles olhos cor de cinza.

– Pensei – avançou ela, acariciando o peito firme de Jordan – que seria divertido se também *nós* nos... hum... aproximássemos. Mas o meu interesse pela sua cama não é súbito, Jordan, pois há muito tempo que o desejo. Agora que a sua mãe e o meu marido se divertem juntos, não vejo qualquer razão para não obter o que quero. Que mal tem isso?

Ele não disse nada e os olhos dela examinaram o seu semblante imperscrutável.

– Está surpreendido?

– Dificilmente – respondeu ele. – Desde os meus oito anos que sei dos casos da minha mãe. Duvido que qualquer atitude feminina possa deixar-me surpreendido. Quando muito, surpreende-me que a senhora não tenha arquitetado uma forma de nos reunirmos os seis no labirinto para uma pequena «reunião familiar» – concluiu, com deliberada insolência.

Ela emitiu um ruído abafado, em parte riso, em parte horror.

– Agora surpreendeu-me *a mim*.

Jordan esticou preguiçosamente o braço e ergueu-lhe o queixo, estudando-lhe o rosto com olhos demasiado duros e sábios para a sua idade.

– Por qualquer razão, é-me impossível acreditar.

De súbito constrangida, Catherine afastou a mão do peito dele e ajustou melhor o lençol com o qual se cobria.

– A sério, Jordan, não vejo porque me olha como se eu não merecesse a mínima consideração – queixou-se ela, com uma expressão que refletia uma perplexidade sincera e algum ressentimento. – Não é casado e, portanto, não compreende quão insuportavelmente monótona é a vida que levamos. Sem alguma diversão para aliviar a cabeça do tédio, já estaríamos todos meio loucos.

Face ao tom trágico da voz dela, o humor suavizou a fisionomia de Jordan e os seus lábios carnudos e sensuais curvaram-se num sorriso trocista.

– Pobre Catherine – comentou secamente, estendendo o braço e aflorando-lhe o rosto com as costas da mão. – Que sorte miserável têm as mulheres. Desde o dia em que nascem, basta pedir aquilo que querem, por isso não têm nada por que trabalhar; e mesmo se tivessem, nunca vos seria permitido que trabalhásseis. Não vos permitimos estudar e os desportos estão-vos proibidos, por isso não podem exercitar nem a mente nem o corpo. Não têm sequer uma honra à qual se agarrar, pois se o homem tem a honra nas suas próprias mãos, a vossa encontra-se entre as vossas pernas, e perdem-na para o primeiro homem que vos possuir. Como é injusta a vida para vós! – concluiu. – Não admira que se apresentem todas tão entediadas, amorais e frívolas.

Catherine hesitou, espantada com as palavras dele, sem saber ao certo se Jordan pretendia ridicularizá-la, e depois encolheu os ombros.

– Tem toda a razão.

Ele olhou-a com curiosidade.

– Alguma vez lhe ocorreu tentar mudar tudo isso?

– Não – admitiu ela sem rodeios.

– Aplaudo a sua honestidade. É uma virtude rara no seu sexo.

Embora tivesse apenas dezoito anos, o extraordinário fascínio que Jordan Townsend despertava nas mulheres era já motivo de ampla tagarelice feminina e, ao contemplar aqueles olhos cinzentos e cínicos, Catherine sentiu-se subitamente atraída por ele como se a puxasse uma força magnética avassaladora. Havia entendimento nos seus olhos, a par de um sentido de humor e uma experiência muito para além da sua idade. Eram estas coisas, mais até do que o seu aspeto perturbante e atraente ou a sua manifesta virilidade, que empurravam as mulheres na sua direção. Jordan entendia as mulheres; entendia-a *a ela* e, embora fosse óbvio que não a admirava nem aprovava o seu comportamento, aceitava-a como era, com todas as suas fraquezas.

– Vem para a cama, senhor?

– Não – respondeu ele com brandura.

– Porquê?

– Porque me parece que não estou propriamente entediado ao ponto de desejar dormir com a mulher do amante da minha mãe.

– Não tem... Não tem as mulheres em grande consideração, pois não? – perguntou Catherine, sem conseguir evitá-lo.

– Há alguma razão pela qual deva ter?

– Eu... – Catherine mordeu o lábio e abanou a cabeça relutantemente. – Não, imagino que não. Mas um dia terá de se casar para ter filhos.

De repente, os olhos dele faiscaram, divertidos, e encostou-se à janela, cruzando os braços sobre o peito. – Casar-me? A sério? É assim que se tem filhos? E este tempo todo, eu a pensar que...

– Jordan, que disparate! – exclamou ela, rindo, quase fascinada com aquele seu lado descontraído e brincalhão. – Terá necessidade de um herdeiro legítimo.

– Quando for obrigado a dar o nó para gerar um herdeiro – devolveu ele com humor negro –, escolho uma rapariga ingénua acabada de sair da escola, que se lance aos meus pés sempre que eu o deseje.

– E quando ela começar a aborrecer-se e a procurar distrações, o que fará?

– Ela irá aborrecer-se? – perguntou ele numa voz imperturbável.

Catherine observou com atenção os ombros largos e musculados do jovem, o tronco esculpido, a cintura esguia e a sua fisionomia forte e viril. Coberto com uma camisa de linho e calças de montar justas, cada milímetro do corpo alto de Jordan Townsende irradiava um poder intrínseco e uma sensualidade contida. Os olhos verdes, astutos, de Catherine mostraram apreciação.

– Talvez não.

Enquanto ela se vestia, Jordan regressou à janela para contemplar desapaixonadamente os elegantes convidados reunidos nos jardins de Hawthorne para celebrar o aniversário da sua mãe. Aos olhos de um estranho, naquele dia Hawthorne pareceria seguramente um paraíso fascinante e opulento, povoado por belas e dóceis aves tropicais que exibiam os seus fabulosos ornamentos. Aos olhos de Jordan Townsende, o panorama tinha pouco interesse e nenhuma beleza, pois ele conhecia bem de mais o que se passava dentro das paredes daquela casa depois de os convidados se retirarem. Aos dezoito anos, não acreditava na bondade intrínseca de ninguém, nem sequer na sua. Possuía berço, beleza e riqueza; era igualmente descrente do mundo, contido e reservado.

Com o queixo pequeno apoiado nas mãos, Miss Alexandra Lawrence olhou para a borboleta amarela que pousava no para-peito da janela da casa do avô e depois voltou a dar atenção ao adorado homem de cabelo branco que estava sentado do outro lado da secretária.

– O que disseste, avô? Não te ouvi.

– Perguntei-te por que razão hoje essa borboleta é mais interessante do que Sócrates – esclareceu o idoso benevolente, dirigindo um sorriso meigo de erudito à juvenzinha de treze anos, de caracóis

castanhos como os da mãe e olhos garços como os seus. Divertido, deu uma palmadinha no volume com as obras de Sócrates que usava para a ensinar.

Alexandra dirigiu-lhe um sorriso encantador mas não negou que se distraiu pois, como dizia muitas vezes o seu avô gentil e estudioso, «uma mentira é uma afronta à alma, assim como um insulto à inteligência da pessoa à qual é dirigida.» E Alexandra não queria de forma alguma insultar aquele homem gentil que lhe transmitira a sua própria filosofia de vida, bem como a educara em matemática, filosofia, história e latim.

– Estava a pensar – admitiu ela com um suspiro nostálgico – se existirá uma possibilidade remota de eu agora estar apenas no «estado de lagarta» e de um dia me transformar numa borboleta e ser linda?

– Que mal tem ser uma lagarta? Afinal – citou ele, desafiando-a –, «nada é belo de todos os pontos de vista». – Os seus olhos brilhavam, na expectativa de que ela reconhecesse a fonte da citação.

– Horácio – avançou prontamente Alexandra, devolvendo-lhe o sorriso.

O avô assentiu, satisfeito, e acrescentou:

– Não debes preocupar-te com a tua aparência, minha querida, pois a verdadeira beleza tem origem no coração e reside no olhar.

Alexandra inclinou a cabeça, pensando, mas não conseguia lembrar-se de nenhum filósofo, antigo ou moderno, que tivesse dito aquilo.

– Quem disse isso?

O avô deu uma risadinha.

– Fui *eu*.

O riso com que ela respondeu retiniu como uma campainha, inundando a sala soalheira com a sua alegria musical. De repente, ficou séria.

– O papá está desiludido por eu não ser bonita. Vejo-o sempre que ele me visita. Tem todas as razões para esperar que eu melhore de aspeto, pois a mamã é linda e o papá, além de ser bonito, é também, pelo casamento, primo em quarto grau de um conde.

Mal conseguindo esconder a aversão que tinha pelo genro e a alegada existência de uma ligação obscura a um conde obscuro, Mr. Gimble citou com solenidade:

– «Que importa o berço onde não há virtude.»

– Molière – declarou automaticamente Alexandra. – Mas – disse retomando, taciturna, a sua preocupação inicial –, tens de admitir que é pouco simpático da parte do destino dar-lhe uma filha com uma aparência tão comum. Porque é que eu não sou alta e loira? – prosseguiu ela com tristeza. – Seria tão melhor do que ter o aspeto de uma cigana, como o papá diz que eu tenho.

Alexandra virou-se para contemplar novamente a borboleta e os olhos de Mr. Gimble cintilaram de carinho e prazer, pois a sua neta era tudo menos comum. Quando ela tinha quatro anos, começara a ensiná-la a ler e a escrever, exatamente como fazia com as crianças da aldeia que eram confiadas às suas lições. Mas a mente de Alex era mais fértil, mais rápida e mais capaz de absorver conceitos do que a das outras crianças. Os filhos dos camponeses eram alunos indiferentes, que lhe chegavam por apenas alguns anos e iam logo para os campos dos pais, trabalhar, casar-se, reproduzir-se, no retorno incessante do ciclo da vida. Mas Alex nascera com o fascínio de aprender que também ele possuía.

O idoso sorriu para a neta; o «ciclo» não era uma coisa assim tão má, pensou.

Tivesse ele seguido as suas inclinações de juventude e ficado solteiro, com a vida dedicada aos estudos, em vez de se casar, e Alexandra Lawrence não existiria. E Alex era uma dádiva para o mundo. A sua dádiva. Este pensamento elevou-lhe o espírito, mas depois deixou-o envergonhado, pelo excesso de orgulho. Ainda assim, não conseguia conter o prazer que o invadia ao olhar para a criança de cabelo encaracolado que se encontrava sentada à sua frente. Ela era tudo o que ele esperara que ela fosse, e ainda mais. Era toda doçura e alegria, inteligência e espírito indomável. Demasiada personalidade, talvez, e demasiada sensibilidade, pois constantemente se desdobrava em esforços para agradar ao frívolo pai nas poucas visitas que este lhe fazia.

Perguntou-se com que tipo de homem ela se casaria, esperando fervorosamente que não tivesse nada de semelhante àquele que se casara com a sua filha. Esta não possuía a profundidade de carácter de Alexandra; ele estragara-a com mimos, foi o pensamento triste que lhe ocorreu. A mãe de Alexandra era fraca e egoísta. Casara-se com um homem igual a ela, mas Alex precisava, e merecia, um homem muito melhor.

Com a sua habitual sensibilidade, Alexandra reparou na mudança de humor do avô e fez um esforço para o animar.

– Não te sentes bem, avozinho? A dor de cabeça, outra vez? Queres que te faça uma massagem no pescoço?

– De facto, dói-me um pouco a cabeça – confirmou Mr. Gimble mergulhando a pena no tinteiro para escrever as palavras que um dia seriam «Uma Dissertação Completa Sobre a Vida de Voltaire». Alex colocou-se atrás dele e começou, com as suas mãos de criança, a aliviar-lhe a tensão dos ombros e do pescoço.

Assim que as mãos dela se detiveram, ele sentiu algo a roçar-lhe o rosto. Absorto com o trabalho, passou distraidamente a mão pelo sítio do prurido. Pouco depois, sentiu-o no pescoço e acorreu com a mão. O prurido transitou para a orelha direita e ele conteve um sorriso impaciente quando compreendeu finalmente que era a sua neta que lhe passava uma pena pela pele.

– Alex, querida – comentou –, receio que estejamos na presença de um passarinho brincalhão, que me distrai das minhas tarefas.

– Porque trabalhas de mais – disse ela, depositando um beijo no rosto enrugado do avô e regressando ao seu lugar para estudar Sócrates. Momentos depois, a sua atenção reticente foi atraída por uma minhoca que avançava devagar, diante da porta aberta da casa de telhado de colmo. – Se tudo o que existe no Universo serve o propósito especial de Deus, porque te parece que ele criou as cobras? São sempre tão feias. Horripilantes, na verdade.

Suspirando com a interrupção, Mr. Gimble pousou a pena, mas não resistiu ao luminoso sorriso da neta.

– Farei questão de colocar essa pergunta a Deus, quando o vir.

A ideia da morte do avô entristeceu imediatamente Alexandra, mas o som de uma carruagem a aproximar-se da casa fê-la levantar-se de um salto e correr para a janela aberta.

– É o papá! – exclamou, alegremente. – O papá regressou finalmente de Londres!

– Já estava mais do que na hora – resmungou Mr. Gimble, mas Alex não ouviu. Vestida com as suas calças de montar e a sua camisa de camponesa favoritas, corria para a porta para se lançar nos braços relutantes do pai.

– Como estás, ciganinha? – perguntou ele sem grande interesse.

Mr. Gimble levantou-se e aproximou-se da janela, observando com ar carrancudo o atraente londrino a ajudar a filha a subir para a nova carruagem, muito vistosa. Carruagem vistosa, roupas vistosas, quando a sua moral nada tinha de vistoso, pensava o idoso, irritado, recordando o quanto a filha, Felicia, ficara deslumbrada com a aparência e o trato cortês do homem, desde o instante em que, certa tarde, este chegara à casa deles porque a sua carruagem se tinha avariado na estrada. Mr. Gimble oferecera-lhe a casa, para passar a noite, e ao final da tarde atendera, a contragosto, às súplicas da filha e deixara-a dar um passeio com ele para lhe mostrar «a bonita vista que se tinha da colina, para lá do ribeiro».

Quando, ao cair da noite, eles ainda não haviam regressado, Mr. Gimble saiu em busca dos dois, com a tarefa facilitada pela luz da lua cheia. Foi descobri-los no sopé da colina, ao lado do ribeiro, nus e abraçados. George Lawrence precisara de menos de quatro horas para convencer Felicia a abandonar os preceitos de toda uma vida e seduzi-la.

Tomado por um acesso de raiva como nunca conhecera, Mr. Gimble retirou-se em silêncio. Quando regressou a casa, duas horas depois, encontrava-se acompanhado do seu bom amigo, o pároco local. Este trazia o livro que usaria na cerimónia de casamento.

Mr. Gimble trazia uma espingarda, para se certificar de que o sedutor da filha participava na cerimónia.

Era a primeira vez na vida que pegava numa arma.

E o que beneficiara Felicia com a justificada ira do pai? A pergunta ensombrou o rosto de Mr. Gimble. George Lawrence adquirira para ela uma casa espaçosa e decrépita, que se encontrava fechada há uma década, providenciara criados e, durante os nove meses que se seguiram ao casamento, vivera com ela a contragosto no lugar remoto onde ela tinha nascido. Passado aquele tempo, nascia Alexandra e pouco depois George Lawrence voltava para Londres, onde se instalara, regressando a Morsham duas vezes por ano apenas durante duas ou três semanas.

– Ganha a vida da melhor forma que sabe – explicara Felicia a Mr. Gimble, numa repetição óbvia daquilo que o marido lhe dissera. – É um cavalheiro, portanto não se pode esperar que trabalhe para ganhar a vida como os homens comuns. Em Londres, o seu berço e as suas ligações permitem-lhe conviver com as pessoas adequadas e ir ouvindo dicas aqui e ali sobre bons investimentos na bolsa e sobre os cavalos em que deve apostar, nas corridas. Só assim consegue manter-nos. Evidentemente que gostaria de nos ter com ele em Londres, mas a cidade é terrivelmente cara e nem em sonhos quereria sujeitar-nos ao alojamento lúgubre e exíguo em que vive quando lá está. Vem ter connosco sempre que pode.

Mr. Gimble não ficou convencido com a explicação de George Lawrence sobre o que o fazia preferir Londres, mas não tinha dúvidas do porquê de ele visitar Morsham duas vezes por ano. Fazia-o porque Mr. Gimble lhe prometera ir buscá-lo a Londres, acompanhado da espingarda emprestada, caso ele não voltasse pelo menos duas vezes por ano para ver a mulher e a filha. Contudo, não havia por que magoar Felicia com a verdade, pois ela era feliz. Ao contrário das outras mulheres da minúscula aldeia, Felicia estava casada com «um verdadeiro cavalheiro» e, na sua insensata apreciação, nada mais importava. Conferia-lhe estatuto, o que a fazia assumir um majestoso ar de superioridade no trato com os vizinhos.

Tal como Felicia, Alexandra idolatrava George Lawrence, e este usufruía da inabalável adoração das duas durante as suas breves visitas. Felicia apressava-se a atender ao seu menor desejo e Alex tentava, com toda a valentia, ser um filho e uma filha para ele, preocupando-se com a sua falta de beleza feminina e ao mesmo tempo usando calças de montar e praticando esgrima para poder treinar com o pai quando ele aparecia.

À janela, Mr. Gimble olhava com cara de poucos amigos para a carruagem reluzente puxada por quatro cavalos elegantes e impacientes. Para um homem que não tinha muito dinheiro para dar à mulher e à filha, George Lawrence possuía uma carruagem e animais muito dispendiosos.

– Quanto tempo podes ficar desta vez, papá? – inquiriu Alexandra, começando já a temer a hora inevitável em que o pai teria de partir. – Só uma semana. Estou a caminho da casa dos Landsdowne, no Kent.

– Porque tens de estar tanto tempo fora? – perguntou Alexandra, incapaz de esconder a desilusão que sentia, embora soubesse que também ele detestava estar longe dela e da sua mãe.

– Porque tem de ser – sentenciou ele, e quando ela começou a protestar ele abanou a cabeça e retirou uma caixa pequena do bolso. – Toma, trouxe-te uma prendinha pelo teu aniversário, Alex.

Alexandra olhou-o com adoração e prazer, embora tivesse festejado o seu aniversário há meses, sem receber sequer uma carta da parte dele. Os seus olhos da cor das águas-marinhas brilhavam quando abriu a caixa e tirou um medalhão prateado em forma de coração. Embora fosse de latão e lhe faltasse algum encanto, ela segurava-o na palma da mão como se fosse infinitamente precioso.

– Vou usá-lo todos os dias da minha vida, papá – sussurrou, enrolando os braços à volta dele num abraço forte. – Gosto tanto de ti!

Nuvens de pó levantavam-se à passagem dos cavalos pela aldeia minúscula e sonolenta, e Alexandra ia saudando quem a via, ansiosa por que todos soubessem que o seu pai lindo e maravilhoso havia regressado.

Não precisava de se ter incomodado a chamar-lhes a atenção. Ao final do dia, já todas as pessoas da aldeia estariam a debater não só o regresso do seu pai como também a cor do seu casaco e uma dúzia de outros pormenores, pois a aldeia de Morsham permanecia inalterada há centenas de anos, adormecida, imperturbada, esquecida naquele vale remoto. Os seus habitantes eram gente simples, trabalhadora, sem imaginação, que retirava enorme prazer de comentar a menor coisa que acontecesse para assim aliviar a terrível monotonia da sua existência. Ainda falavam do dia em que, três meses antes, chegara uma carruagem vinda da cidade com um homem cujo agasalho era composto não por uma capa, mas por *oito*. Agora, a magnífica carruagem e a quadrilha de George Lawrence seria assunto para os seis meses seguintes.

Para um estranho, Morsham poderia parecer um lugar enfadonho habitado por camponeses alcoviteiros, mas, para Alexandra, a aldeia e os seus habitantes eram maravilhosos.

Aos treze anos, acreditava na bondade intrínseca de todas as criaturas de Deus e não tinha qualquer dúvida de que a honestidade, a integridade e a alegria eram características inerentes a toda a Humanidade. Era amável, alegre e uma otimista incurável.